

RESENHA: *NOT YET*

LOBO, PEDRO. SÃO PAULO:
TEMPO D'IMAGEM, 2020. 144 P.

EDUARDO AUGUSTO COSTA, FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO DA
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, SÃO PAULO, BRASIL

Professor doutor do Departamento de História da Arquitetura e Estética do Projeto da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, desenvolve a pesquisa Cultura Visual e História Intelectual: arquivos e coleções de arquitetura, vinculada ao Programa Jovem Pesquisador da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7909-0496>

E-mail: eduardocosta@usp.br

DOI

<http://doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v16i31p371-382>

RESENHA: *NOT YET*

LOBO, PEDRO. SÃO PAULO: TEMPO D'IMAGEM, 2020. 144 P.
EDUARDO AUGUSTO COSTA

Eu, filho do carbono e do amoníaco
Monstro da escuridão e rutilância,
Sofro, desde a epigênese da infância,
A influência má dos signos do zodíaco

Profundissimamente hipocondríaco,
Este ambiente me causa repugnância...
Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia
Que se escapa da boca de um cardíaco

Já o verme – este operário das ruínas –
Que o sangue podre das carnificinas
Come, e à vida em geral declara guerra

Anda e espreitar meus olhos para roê-los,
E há de deixar-me apenas os cabelos,
Na frialdade inorgânica da terra!

Psicologia de um vencido

Augusto dos Anjos (2000, p. 35)

1 UM LIVRO DOLOROSO

Augusto dos Anjos foi o poeta que me veio à cabeça, assim que terminei de ler o livro *Not Yet*¹ do fotógrafo brasileiro Pedro Lobo (2020). Outros artistas, poetas e músicos merecem também uma lembrança neste espetáculo fúnebre e decrépito, que nos atormenta a alma... As paisagens e seres bizarros do holandês Hieronymus Bosch, os caprichos fantasmagóricos do espanhol Francisco de Goya, o aparelho de execução de sentenças da Colônia Penal de Franz Kafka, a dança mortal orquestrada por Igor Stravinsky em seu balé *A Sagração da Primavera*, as vozes tenebrosas de Nick Cave, Tom Waits e Mark Lanegan. Essas são algumas das referências que parecem compor o discurso visual apresentado nesse livro de fotografias de Pedro Lobo. Como se monstros, vermes, cheiros fétidos, amoníacos, chagas endêmicas, infecções, pus e escarros estivessem todos ali, ativos infecciosos saídos dos versos para a dor de nossas vidas. Vemos como se por meio dos olhos do malfadado e enigmático poeta brasileiro, Augusto dos Anjos.

Mas o livro pode ser ainda mais doloroso. Em florestas queimadas, solos rachados, pinturas descascadas, esculturas violentadas, placas oxidadas, ossos abandonados, animais atropelados, remendos, trincas e objetos carcomidos, reconhecemos a nós mesmos: a humanidade. Uma humanidade

¹ Disponível em: https://issuu.com/sistemasolar/docs/not_yet_pedro_lobo. Acesso em: 23 abr. 2021.

que não se vê naquilo que destrói, mas como entidade apartada de seu lugar, da própria terra que corrói. Não reconhecemos nas fotografias de Pedro Lobo a nossa própria morte – em cotidiano ato suicida –, mas como se a de um outro abstrato, desalmado, desterrado. Mas somos nós os protagonistas, tão bem representados em sombrias páginas que acumulam nossa história. É a nossa mão civilizatória, que construiu para si uma ideia de natureza e humanismo, que não percebe que aquilo que se apresenta como glória é o próprio impulso de sua morte. *Not Yet* é assim: uma narrativa potente dessa marcha fúnebre que é o Antropoceno. Um estridente aviso da escalada mortal – como nos avisa Luiz Marques (2015) – em que nos metemos e que, até agora, pouco nos esforçamos para nos livrar.

2 A TRAJETÓRIA DO FOTÓGRAFO

Pedro Lobo é um fotógrafo com trajetória de mais de quatro décadas. O primeiro contato que tive com sua obra foi por meio de um livro de fotografias sobre a cidade de São Paulo (LOBO; CRISPINO, 2004). O fotógrafo apresentou ali um pequeno conjunto de fotografias, mas também escreveu sobre seu trabalho como o resultado de um processo cumulativo, contínuo, sempre combinado, interposto, em processo. Uma produção que é expressão de sua própria memória. Assim, a perfeição da forma, racional, iluminista, suas texturas e sombras não têm lugar em seus registros. Ao contrário, estamos sempre diante do indomável, do improvável, como se ele próprio não tivesse pleno controle sobre o que chega para si. O fotógrafo é apenas um meio de tradução daquilo que o mundo lhe apresenta. Um mundo que é o adensado de um tempo.

A dimensão da memória e suas formas de expressão são constitutivas de sua obra e, não por menos, estruturantes em *Not Yet*. Trata-se de uma evidência que nos remete à sua trajetória, sua formação, com que tive maior contato em 2012, quando o entrevistei (COSTA, 2018). Em 1978, Pedro Lobo passou a exercer a função de fotógrafo e pesquisador do Centro Nacional de Referência Cultural (CNRC), que, um ano mais tarde, foi integrado ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Ali, permaneceu até o ano de 1985 e foi peça chave para o que se desenvolveu visualmente sob os auspícios do designer Aloísio Magalhães, que dirigiu tais instituições até a sua morte, em 1981 (LEITE, 2014).

O compromisso preservacionista e memorial de tais instituições parece ter dado corpo à trajetória de Pedro Lobo. De maneira mais evidente, nota-se que a cultura, o ambiente e a imaginária religiosa – essencialmente católica, mas não exclusivamente – são matérias recorrentemente mobilizadas. Se em *Not Yet* essa temática é parte constitutiva – como expressa em uma dezena de fotos que remetem ao tema –, ela é explícita em seu livro *In Nomine Fidei* (LOBO, 2011a). Imagens, elementos decorativos, interiores de igrejas, registros de terreiros e restos de práticas ritualísticas compõem o imaginário discursivo do fotógrafo, em que a expressão da fé religiosa não é virtuosa ou triunfante. Mas não são as formas de expressão religiosa ou o seu próprio discurso que lhe importam. Ao contrário, são os significados que se inscrevem nos objetos e espaços, tratados como evidências, vestígios de uma memória essencialmente humana. Os artefatos não são registrados, portanto, para darem destaque a uma cultura religiosa, como se a fotografia fosse deles porta-voz. Mas são o meio de apresentar uma memória que se liga aos humanos e que perpassa, faz uso e está inscrita em tais objetos e espaços.

Essa é uma resolução forte e sagaz. A imaginária religiosa católica – especialmente presente em países lusófonos, como Brasil e Portugal, por onde Pedro Lobo transita – carrega significados que lhe implicam uma longa duração. Como se atribui a ela um valor simbólico e espiritual, já que carrega sentidos que transcendem sua matéria, os artefatos tendem a ser preservados por períodos mais longos. Afinal, para essas culturas, trata-se muito mais do que madeiras, tintas, ferros, panos e argamassas. Um fiel pouco se atreve a dar um fim racional àquilo que não se encontra mais em sua plenitude formal, pois ainda é expressão simbólica, carregada de sentidos. Mas isso implica também que tais artefatos passem a incorporar, com o tempo, inscrições da vida humana, transformando sua própria essência e aparência. É assim que uma santa de roca sem as vestes, um altar vandalizado pelo tempo, o pé de um santo carcomido por cupins, a nave abandonada de uma igreja ou uma bíblia amassada e descartada dizem muito mais sobre o homem por detrás da fé. E é expressão que se adensa com o tempo e se inscreve como discurso de uma memória sobre nós. Mas uma expressão difícil de ser enfrentada, já que é crua e soturna, muito distante daquele perfeito e ascético mundo abstrato. Afinal, a fé – ou a falta dela – está nos humanos. É o nosso tempo que interessa ao fotógrafo em *Not Yet*.

Esse trânsito pela religiosidade permite que Pedro Lobo transcenda os domínios daquilo que representa. Mas, em *Not Yet*, o objeto religioso não mais lhe interessa exclusivamente, pois já perdeu seu efeito específico de veículo para falar da memória e da fé nos humanos. Tudo passa a ser evidência de nossa ação, quando o tempo se acumula nas coisas. Neste ponto, chama a atenção uma fotografia desse livro, em que vemos, num detalhe, uma ampulheta alada coroando o frontão decorativo de um túmulo corrompido (LOBO, 2020, p. 46-47). Uma representação explícita da passagem do tempo – ou mesmo da vida que se esvai –, que remonta a uma tradição pictórica presente desde o Renascimento. A memória tem aqui seu lugar como adensado do tempo, o tempo da humanidade. E é muito significativo o fato de que esse tempo não resulta em expressões harmônicas ou formalmente perfeitas. Ao contrário, é um tempo que deteriora e transforma a vida e os objetos, substitui e altera aquilo que foi em outro tempo. O mesmo poder destrutivo dos humanos está também nos rastros de cinzas e ossos da violenta queimada que assolou Portugal, em 2018 (LOBO, 2020, p. 30-31), ou na arruinada pedreira de mármore na cidade de Borba (LOBO, 2020, p. 40-41), onde vive o fotógrafo. Pedreira que, até então, fornecia matéria luxuosa para as construções de Dubai e outras cidades do Oriente Médio, expressões singulares do capital financeiro desterrado e da artificialidade global de nossas vidas. A ruína da natureza é, afinal, obra humana de seu tempo. É assim que a memória, adensada no tempo, se apresenta como matéria constitutiva do trabalho de Pedro Lobo.

Mas a relação com o designer Aloísio Magalhães, para retomarmos à questão, constitui também outra camada importante em *Not Yet*. Junto ao CNRC, Pedro Lobo realizou uma série de pesquisas e registros fotográficos sobre expressões culturais pelo Nordeste e Centro-Oeste brasileiro. Assim, registrou práticas artesanais de aldeias indígenas, pequenas produções industriais e o reprocessamento de materiais industrializados para economias locais. Esse é o caso, por exemplo, do registro que fez do artesanato indígena Kadiwéu, Krahô, Bororo e Xavante, como também é a importante série em que documentou o Artesanato de Pneus, realizado por moradores de cidades do interior dos estados da Paraíba, Pernambuco e Ceará. Especialmente no último caso, interessa a reflexão projetual que tem origem no movimento *Do It Yourself*, durante os anos 1960 (KALLIPOLITI, 2018).

Não cabe aqui retratar uma história do Design, em sua relação com a sustentabilidade e a ecologia. Seria preciso retomar obras inaugurais, como a de Rachel Carson (2010) ou textos clássicos, como as obras de Victor Papanek (1971) e Ernst Schumacher (1973). Parece-me importante destacar apenas que, com a crise do petróleo de 1973 e com a emergência de movimentos ambientalistas, tomaram corpo debates estruturais e altamente politizados de grande projeção para a implementação de políticas públicas nos chamados países em desenvolvimento, como é o caso do Brasil. É nesse contexto que o CNRC foi criado – capitaneado pelo Ministério da Indústria e do Comércio –, buscando reconhecer e fomentar alternativas econômicas para uma população pobre e faminta. Aquilo que os brasileiros faziam para contornar a crueza da miséria passou a ser observado para, eventualmente, ser financiado ou incorporado às políticas econômicas do país. Improvisos, gambiarras e adaptações se tornaram objetos de interesse do Estado, que mobilizou um designer para coordenar seus trabalhos.

Pedro Lobo foi apresentado de forma mais direta a esse universo imperioso de sobrevivência da população brasileira por meio de sua participação junto ao CNRC e ao Iphan. Tal experiência o formou para ensaios importantes de sua trajetória, como na documentação do interior das celas já desocupadas do hoje demolido presídio do Carandiru, mas também na série de fotografias das favelas cariocas, que resultou em seu livro *Architecture of Survival* (LOBO, 2011b). Nesse caso, a arquitetura não é o objeto de seu interesse em termos plásticos ou estéticos. Esse não é o objeto de investigação de Pedro Lobo. O que se observa, pelo contrário, é o reconhecimento da sagacidade dos homens na elaboração de alternativas para sobrevivência num espaço urbano violento e desumano. A favela é reconhecida como índice potente dessa condição precária, que incide sobre nossos corpos, sobre a vida, os humanos. Trata-se, portanto, de um olhar formado e direcionado para tais adaptações, ajustes e transformações, que só tempo e ação, associados à emergência da sobrevivência, permitem elaborar ou produzir.

Se a memória é elemento constitutivo do trabalho de Pedro Lobo, é isso que vemos em *Not Yet*: um humano que luta por sua sobrevivência em meio à ruína que ele mesmo produziu. Aqui, apresentam-se na forma de usos inusitados, como: a porta de uma casa feita com uma chapa metálica reciclada; cordas e arames que sustentam panos e plantas; uma

fita adesiva que remenda um sofá puído e rasgado. A resolução inventiva para superar pequenos problemas é, assim, elemento estruturante das reflexões e produções visuais de Pedro Lobo. Memória e improviso formam a base de investigação do fotógrafo. *Not Yet* funciona, portanto, como um manifesto síntese de seu trabalho, um marco simbólico de reflexões acumuladas em décadas. Mas também um trabalho que expressa um olhar contemporâneo e crítico sobre nosso lugar no mundo, ou o que nós, humanos, estamos fazendo com ele em escala global. Um mundo que não se sabe se está prestes a acabar ou decrépito e moribundo, ainda à espera de redenção. De todo modo, *Not Yet*.

3 LIVRO, OBJETO IMPRESSO

Not Yet é um livro sagaz, pois além de delinear aspectos constitutivos da trajetória do fotógrafo, o atualiza frente aos debates emergentes da atualidade. Mas o discurso constituído não pode ser reduzido apenas às fotografias apresentadas, como se elas se bastassem. Um livro é obra que tem materialidade (DERDYK, 2013; CADÔR, 2016), que é também lugar de gênese da construção dos sentidos que se adensam no trabalho do fotógrafo. Não é possível, portanto, tratar de um livro de fotografias sem pensar em sua materialidade, como se fosse elemento menor do discurso que carrega. Trata-se, ao contrário, de uma amálgama indissolúvel, que organiza e dá potência à narrativa fotográfica.

Para compreender a importância da materialidade de *Not Yet* na construção narrativa, é preciso reconhecer, ao menos, a presença de dois dos profissionais responsáveis pela concepção da obra. O primeiro deles é Gabriel Zellmeister, talvez um dos mais bem sucedidos publicitários brasileiros. Atuante desde meados dos anos 1960, se dedicou inicialmente às artes plásticas, mas logo se firmou como diretor de arte de premiadas campanhas nacionais e internacionais. Foi também sócio proprietário de algumas das maiores agências publicitárias do país, como a W/Brasil. Gabriel Zellmeister é um dos profissionais responsáveis pela concepção, como é também quem assina o design gráfico de *Not Yet*. E não é de se estranhar que tenha sido sua a decisão de criar um livro de fotografias com páginas pretas. Uma solução que integra o conjunto e estabelece um roteiro, dá unidade e eloquência a esse discurso sombrio em torno do humano.

Vale dizer que a opção pela utilização de tal recurso é muito rara no meio bibliográfico, especialmente no dedicado à fotografia. Com efeito parecido, me lembro do livro *Memória do Brasil* (2003) do fotógrafo Evgen Bavcar. Mas o uso de tal recurso é restrito, pois requer uma qualidade técnica de excepcional precisão em sua execução. É muito comum que, em produções gráficas de baixa qualidade, as altas densidades de tinta preta acabem por colar as páginas, tornando a leitura um ato nem um pouco prazeroso. Do mesmo modo, é recorrente que se perceba a diferença entre o preto da página e o das fotografias, o que cria uma cisão entre os espaços, um corte narrativo. Mas não é o que ocorre em *Not Yet*². A impressão executada pela Gráfica Maiadouro – sediada na cidade do Porto, em Portugal – é um verdadeiro primor. A passagem entre o preto da página e o preto denso das fotos é imperceptível – graças a um tratamento de imagem excepcional do fotógrafo e uma impecável impressão em offset – e não há qualquer sinal de adesão física entre páginas opostas, o que também revela um trabalho atencioso de produção gráfica. Desse modo, as fotografias de Pedro Lobo, ricas em texturas, mas também densas de sombras e penumbras, parecem se prolongar sobre as páginas, como se fossem elas mesmas matéria fotográfica uníssona. Todo o livro é fotografia impressa em *Not Yet*.

Outro aspecto que chama a atenção é um pequeno caderno, colado ao final do livro. Com dois textos sobre a obra de Pedro Lobo, esse caderno tem formato menor, é impresso em papel-bíblia e grafado em tipografia serifada. Cria-se, assim, uma distinção entre o trabalho do autor e os comentários sobre ou em relação à sua obra, deixando o protagonismo reservado ao fotógrafo e suas fotografias. Trata-se, afinal, de um livro de autor. Mas vale uma vez mais destacar a sofisticação da solução. O papel-bíblia, por sua gramatura muito baixa, requer do leitor um manejo cuidadoso. Uma delicadeza que contradiz a crueza violenta, que ressoa da narrativa visual até então apresentada. Mas que, por outro lado, parece falar sobre a fragilidade do mundo. Um mundo prestes a se desfazer em meio ao Antropoceno. Como aviso derradeiro dessa obra primorosa, a natureza delicada do papel-bíblia revela, assim, o peso e a violência de nossas mãos civilizatórias e humanas.

² Destaco aqui que a versão *on-line* não consegue o mesmo efeito da edição impressa, reforçando a importância do objeto impresso para a construção esperada.

As escolhas materiais são contundentes para a construção narrativa apresentada. E aqui é preciso reconhecer a presença da curadora Rosely Nakagawa, a outra profissional responsável pela concepção desse livro. Quando graduanda na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP), criou, com outros três colegas, um núcleo de publicações de gravuras, na Escola de Comunicação e Artes (ECA), denominado Edições João Pereira. Ali, apresentaram suas obras, mas também experimentaram soluções gráficas, suportes, formatos e papéis. A trajetória de Nakagawa traz também o reconhecimento pela sua atuação ao lado do cineasta Thomaz Farkas, na criação da Galeria de Fotografia da Fotóptica, em 1979. À frente dessa galeria, foi responsável pela elaboração de dezenas de exposições, mas especialmente, pela organização do que se pode chamar de uma massa crítica para o desenvolvimento dos debates do fotográfico, no Brasil. Ação esta que se prolongou ao longo de sua trajetória, consolidada em torno de dezenas de trabalhos como curadora e coordenadora de projetos fotográficos.

A relação entre a fotografia e os impressos é, portanto, constitutiva da trajetória de Rosely Nakagawa, mas deve-se dizer que ganhou outro patamar nos últimos anos. Em parceria com o português Paulo Pires do Vale, Nakagawa realizou, em 2018, a curadoria da versão brasileira da exposição *Tarefas Infinitas: quando a arte e o livro se ilimitam*, ocorrida nas dependências do Serviço Social do Comércio (Sesc).³ Originalmente realizada em 2012, na Fundação Calouste Gulbenkian em Portugal, meditava sobre a relação entre o livro e a arte, explorando as potências discursivas dessa matéria ativa que é o livro.

É certo que há no Brasil um debate já consolidado sobre a relação entre as artes e o suporte livro. Contemporaneamente, seria preciso apenas citar os trabalhos de Amir Cadôr, que organiza a Coleção Livro de Artista, na Biblioteca da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mas foi na exposição acolhida pelo Sesc que Rosely Nakagawa estruturou um debate sobre essa relação, dando voz à reflexão do material como elemento inerente ao discurso visual. Assim, a dimensão material do livro como fator indissociável

³ Disponível em: https://www.sescsp.org.br/online/artigo/12342_EXPOSICAO+TAREFAS+INFINITAS. Acesso em: 23 abr. 2021.

ao discurso fotográfico ganhou densidade nas reflexões da curadora. E não é por acaso que Rosely Nakagawa tenha passado a produzir, editar e conceber livros de fotografia de excelente qualidade. Afinal, um livro de fotografias não é apenas a organização sequencial e narrativa de um punhado de fotografias. Trata-se também de uma obra gráfica – impressa – que precisa ser pensada enquanto tal. Não por menos, o que se vê em *Not Yet* é também a maturidade dessa profissional. Seja na capa, nas páginas pretas, no caderno de papel-bíblia, essa matéria que é livro tem também latente em si a mão dessa curadora.

4 UM LIVRO SOBRE NÓS, HUMANOS

Not Yet é, portanto, uma obra coletiva. Uma expressão madura do trabalho de um fotógrafo fundamentado entre a memória e o improviso. Mas é também expressão da maturidade de um diretor de arte laureado no meio publicitário, como de uma curadora imersa no mundo da fotografia, mas gabaritada para pensar a natureza material dos impressos. Esse livro é, portanto, uma expressão desse encontro geracional – afinal, os três nasceram na primeira metade da década de 1950 –, que consolida suas trajetórias em obra que se mostra potente na articulação de seus elementos.

Deste modo, *Not Yet* é também uma referência singular para que se possa reconhecer onde se encontra uma das mais importantes forças dos livros de fotografia. Desde que se tornou uma febre entre fotógrafos, críticos, historiadores e colecionadores, esses livros foram pouco ou muito superficialmente debatidos e mesmo concebidos, no que se refere a sua dimensão material. Talvez pelo ativo lançado em meio a uma crise de temas de um mercado saturado, ou quem sabe por uma falta de valorização de nossa parte em reconhecer o mundo das artes gráficas como elemento constitutivo dos discursos pictóricos condensados no livro.

Not Yet parece se concluir, assim, numa aparente contradição. Se é a humanidade a ruína deste mundo, que lugar estaria reservado a um livro tão primoroso e aquilatado pelas mãos de Pedro Lobo, Gabriel Zellmeister e Rosely Nakagawa? A resposta talvez se encontre na própria poesia de Augusto dos Anjos, ou mais precisamente, em sua recorrente ode ao verme, que é "filho da teleológica matéria". Se o verme está a "espreitar meus olhos para roê-los", que seja, justamente, para devorar, consumir e repartir o carbono deste mundo carcomido, rearranjando a vida e o lugar do humano

na Terra. Que seja dado ao verme essas soturnas fotografias de nosso eu mais íntimo. É disso que se trata *Not Yet*. O impulso da morte latente nas duras e pesadas fotografias de Pedro Lobo ganha seu lugar de redenção e liberdade nesse livro, que nos diz que há caminhos e potências em nossa essência. Caminhos que podem nos tirar desta pavorosa e decrépita realidade. *Not Yet* é, afinal, um livro nosso, um livro humano.

REFERÊNCIAS

- ANJOS, Augusto dos. Psicologia de um vencido. In: ANJOS, Augusto dos. *Eu*. Manaus: Valer, 2000. p.35.
- BAVCAR, Evgen. *Evgen Bavcar: memória do Brasil*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- CADÔR, Amir Brito. *O livro de artista e a enciclopédia visual*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016.
- CARSON, Rachel. *Primavera silenciosa*. São Paulo: Gaia, 2010.
- COSTA, Eduardo Augusto. *Arquivo, poder, memória: Herman Hugo Graeser e o arquivo fotográfico do Iphan*. São Paulo: Alameda, 2018.
- DERDYK, Edith. *Entre ser um e ser mil: o objeto livro e suas poéticas*. São Paulo: Senac São Paulo, 2013.
- KALLIPOLITI, Lydia. History of Ecological Design. In: *Oxford Research Encyclopedia of Environmental Science*. Retrieved 18 May 2018. Disponível em: <https://oxfordre.com/environmentalscience/environmentalscience/view/10.1093/acrefore/9780199389414.001.0001/acrefore-9780199389414-e-144>. Acesso em: 23 abr. 2021.
- LEITE, João de Souza (ed.). *Encontros: Aloísio Magalhães*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2014.
- LOBO, Pedro. *Architecture of Survival*. Évora, 2011b.
- LOBO, Pedro. *In Nomine Fidei*. Évora, 2011a.
- LOBO, Pedro. *Not Yet*. São Paulo: Tempo d'Imagem, 2020.
- LOBO, Pedro; CRISPINO, Luis. *São Paulo, 450 anos*. São Paulo: Morumbi Shopping, 2004.
- MARQUES, Luiz. *Capitalismo e colapso ambiental*. Campinas: Editora da Unicamp, 2015.
- PAPANEK, Victor. *Design for the real World*. Michigan: University of Michigan, 1971.
- SCHUMACHER, Ernst Friedrich. *O negócio é ser pequeno*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

